

## Precedentes e sucessores imediatos das *Erreurs populaires* de Laurent Joubert

Vera Cecília Machline

### RESUMO

De acordo com Natalie Z. Davis, o médico radicado em Montpellier Laurent Joubert (1529-1582) inaugurou um novo “gênero” de literatura médica “popular” com suas *Erreurs populaires*. Seguindo a esteira de Davis, relevantes precedentes e sucessores imediatos da linhagem encetada por Joubert são trazidos à baila aqui. Dentre outros descendentes, destacam-se as *Pseudodoxia Epidemica* de Thomas Browne (1605-1682), que também foram influenciadas por Francis Bacon (1561-1626). Quanto a precedentes das *Erreurs populaires*, acrescentou-se às cogitações de Davis “O jardim de rosas para mulheres grávidas e parteiras”, de Eucharius Rösslin, o Velho (?-1526). Por último, pergunta-se se é apropriado à História da Ciência acriticamente emprestar da arte literária a noção de “gênero” para distinguir diferentes escritos difundindo conhecimento.

### Palavras-chave:

História da Medicina; Século XVI; Erros populares; Laurent Joubert;  
Eucharius Rösslin, o Velho; Thomas Browne

### ABSTRACT

According to Natalie Z. Davis, the physician established in Montpellier Laurent Joubert (1529-1582) inaugurated a new “genre” of “popular” medical literature with his *Erreurs populaires*. In the wake of Davis’ suggestion, relevant immediate precedents and successors of the lineage initiated by Joubert are mentioned here. Among other offsprings, the most famous are the *Pseudodoxia Epidemica* written by Thomas Browne (1605-1682), which were also influenced by Francis Bacon (1561-1626). Regarding precedents of the *Erreurs populaires*, “The rose garden for pregnant women and midwives”, penned by Eucharius Rösslin the Elder (?-1526), has been added to Davis’ cogitations. Lastly, I ask whether it is appropriate to the History of Science to uncritically borrow from the art of literature the notion of “genre” to distinguish different writings disseminating knowledge.

### Keywords:

History of Medicine; Sixteenth century; Popular errors; Laurent Joubert;  
Eucharius Rösslin, the Elder; Thomas Browne

### Precedentes e sucessores imediatos das *Erreurs populaires* de Laurent Joubert

Na versão brasileira de *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França moderna*, a historiadora Natalie Zenon Davis (1928-) sustenta ser “um novo tipo de livro” – ou um “gênero médico” inédito – a “linhagem significativa, ainda que rala, de livros sobre ‘erros populares’ sobre a medicina e a saúde, originada em 1578 com Laurent Joubert” (1529-1582). No entender de Davis, o objetivo ulterior de Joubert, com suas *Erreurs populaires au fait de la médecine et regime de santé*, nunca foi “eliminar a distinção entre quem sabia e quem não sabia, nem enfraquecer a profissão médica.” Pelo contrário, o intento de Joubert – nos últimos nove anos de sua vida, chanceler da Faculdade de Medicina da Universidade de Montpellier – fora apregoar a autoridade do médico com titulação universitária sobre praticantes “empíricos” igualmente fazendo parte da medicina daqueles tempos.<sup>1</sup>

Setenta anos antes de Davis, Ernest Wickersheimer (1880-1965) houve por bem explicar que tais “empíricos” compreendiam – entre outros ofícios manuais vinculados à arte da medicina – acompanhantes de doentes, barbeiros, cirurgiões, boticários e parteiras. Ainda, sob a rubrica de “charlatães”, incluíam mascates, curandeiros, benzedoras e outros que tais – em zonas rurais não raro fazendo as vezes do médico citadino; ou, segundo lembra William Bynum, atuando “como “médico dos pobres” até em centros urbanos. Retomando Davis, além de regular a atuação de tais concorrentes, Joubert visava convencer “as pessoas [...] a obedecerem às ordens médicas.” Para tanto, ele “usou a imprensa e o vernáculo como um modo de controle da prática médica e do povo”.<sup>2</sup>

Em outras palavras, até notícia em contrário, as *Erreurs populaires* inauguraram um novo “gênero” de literatura médica de cunho “popular”. Como observado por Frederick Gale, um indício desse caráter “popular” é o emprego do “‘vulgar’ [vernáculo] francês em lugar do [erudito] latim”. Duas indicações adicionais são o público-alvo e o assunto, conforme Paul Grendler, que propõe: “um livro popular na Renascença” era “escrito para ser facilmente compreendido por um leitor não especializado.” Em segundo lugar, semelhante livro teria um “apelo quase

<sup>1</sup> N.Z. Davis, *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França moderna; Oito Ensaios*, tradução de M. Corrêa (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990), 183, 211, 210-211 e 184, pela ordem das citações. Para detalhes adicionais sobre a carreira médica de Joubert, vide L. Dulieu, *La médecine à Montpellier: Tome II, La Renaissance* (Avignon: Les Presses Universelles, 1979), 106-108 e 340-343.

<sup>2</sup> E. Wickersheimer, “Un brave homme et un bon livre: Laurent Joubert et les ‘Erreurs populaires au fait de la médecine et du regime de santé’”, in *La médecine et les médecins en France à l’époque de la Renaissance* (Paris: A. Maloine, 1905; reimpressão fac-similar, Genebra, Slatkine Reprints, 1970), 497-542, em particular 509-510; W.F. Bynum, verbete “*physic*”, in *Dictionary of the History of Science*, ed. W.F. Bynum, E.J. Browne & R.S. Porter (Princeton: Princeton University Press, 1984), 325-326; e Davis, 184 e 212. Um apanhado da aqui relevante longa concepção de o “trabalho manual envolvido nas ‘artes mecânicas’” ser degradante consta de M.H.R. Beltran, “Matemática, Magia e Técnica: algumas concepções de John Dee”, in *SBHC 10 anos: Anais do IV Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia* (São Paulo: FAPEMIG/Anna Blume/Nova Stella, 1993), 42-46, em especial, 42.

universal”, de modo “a atrair o interesse [...] daqueles com gosto mais refinado e maior capacidade intelectual, bem como [d]aqueles com habilidades e gostos limitados.”<sup>3</sup>

De acordo com Rudolph Bell, manifestações de literatura popular versando sobre medicina começaram antes do advento da imprensa, no baixo medievo latino, com manuscritos ensinando “maneiras adequadas de se criar uma família.” Desde então, floresceu uma grande variedade de manuais ou guias – em latim e em vernáculo – trazendo conselhos médicos abrangendo praticamente todo o ciclo da vida, da concepção à viuvez. Provavelmente bebendo dessa tradição, as *Erreurs populaires* agregaram um objetivo suplementar: a pretexto de examinar “erros populares”, visavam demonstrar a superioridade do médico sobre competidores “empíricos”.<sup>4</sup>

Com efeito, Joubert abre suas *Erreurs populaires* explicando que “as artes humanas, tanto as liberais quanto as técnicas,” são “aquelas que o homem, inspirado por Deus, inventa para sua necessidade, sua conveniência, ou sua recreação.” Entre essas artes, a medicina assoma à “prática da filosofia natural no corpo humano, para o qual todas as artes técnicas são inventadas, [assim] como as artes liberais são [concebidas] para o exercício da mente.”<sup>5</sup>

Trocando em miúdos, no tempo de Joubert, a medicina galênica e a filosofia natural aristotélica ainda eram “irmãs” – na feliz expressão de Roger French. Ou seja, o arcabouço teórico da medicina galênica ainda era a filosofia natural – se não a “física” ou a “fisiologia”, na antiga acepção grega de estudo da natureza. Em conformidade com o lema de Galeno de Pérgamo (c. 129-c. 210 d.C.) de que “o melhor médico também é um filósofo”, todo médico quinhentista com formação universitária seria douto em filosofia natural – o que, em princípio, lhe assegurava a primazia sobre seus concorrentes “empíricos”. Os últimos, em contrapartida, supostamente munidos apenas com conhecimentos práticos e, portanto, ignorantes das minudências da fisiologia aristotélico-galênica, deveriam manter-se subordinados a peritos como Joubert – até hoje em inglês denominados *physicians*, i.e., “físicos”, como outrora sucedia em português.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> F.M. Gale, “Whether it is Possible to Prolong Man’s Life Through the Use of Medicine”, *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences* 26 (1971): 391-399, notadamente, 392; e P.F. Grendler, “Form and Function in Italian Renaissance Popular Books”, *Renaissance Quarterly* 46 (1993): 451-485, em particular, 453.

<sup>4</sup> R.M. Bell, *How to Do It: Guides to Good Living for Renaissance Italians* (Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1999), 6-7. Uma evidência de a literatura médica de caráter popular ser antiga é o *Liber medicinalis* – um compêndio médico em hexâmetros trazendo prescrições para diversos problemas de saúde – atribuído a Quinto Sereno Sammonico (?-c. 211 d.C.). Para detalhes adicionais sobre este compêndio em versos, vide C. Ruffato, “Introduzione”, in Sammonico, *La Medicina in Roma Antica: Il Liber medicinalis di Quinto Sereno Sammonico*, edição e tradução de C. Ruffato (Torino: UTET, 1996), 7-17.

<sup>5</sup> L. Joubert, *Popular Errors*, tradução e anotação de G.D. de Rocher (Tuscaloosa/Londres: The University of Alabama Press, 1989), 33.

<sup>6</sup> R. French, *Medicine before Science: The Business of Medicine from the Middle Ages to the Enlightenment* (Cambridge/etc.: Cambridge University Press, 2003), 157. Sobre a antiga acepção grega de “física”, vide J.J. Bylebyl, “The Medical Meaning of *Physica*”, *Osiris* (Second Series) 6 (1990): 16-41, sobretudo, 32-41; R.S. Porter, verbete “*natural philosopher*”, e W.F. Bynum, verbetes “*physic*” e “*physiology*”, in Bynum et al., ed., *Dictionary of the History of Science*, 286-287, 325-326 e 326-327. Ainda, vide Galeno, “The best doctor is also a

Também no primeiro capítulo das *Erreurs populaires*, Joubert advoga que, dentre as três formações universitárias existentes em seu tempo, por ordem de importância (consoante seus respectivos objetos), a medicina vinha em segundo lugar, abaixo da teologia e acima da jurisprudência. Nas palavras de nosso autor: “Como (...) o homem é a criatura mais sagrada, a arte ou a ciência que lhe mantém a vida e a saúde é a mais elevada” – imediatamente depois da teologia, a ciência “concernente a seu criador.” Após demonstrar “a preeminência e o valor da medicina”, e tratar de “outras qualidades, igualmente louváveis, como sua antiguidade, necessidade e utilidade,” Joubert alerta seus leitores dos riscos inerentes àqueles desonrando a medicina.<sup>7</sup>

Inicialmente, nosso autor alude ao polígrafo Plínio, o Velho (23-79 d.C.), que – segundo relatado nas *Erreurs populaires* – culpa “os simplórios que não distinguem entre o bom e o mau médico, e confiam naqueles que mais tagarelam, se gabam e fazem uma apresentação espetacular.” A seguir, Joubert transcreve uma passagem da “História Natural” de Plínio denunciando que só na arte da medicina “prontamente se acredita em qualquer pessoa dizendo ser um médico, embora não haja nisto perigo maior.” Há médicos que “apreendem às nossas expensas e matam pessoas fazendo (...) experimentos (...). O que é pior, eles culpam a intemperança do paciente e alegremente condenam aqueles que morrem.” Por fim, Joubert alega ter trazido à baila “esses argumentos” para deixar claro não ser apenas em sua época “que alguns têm só a máscara e a aparência de um médico e fazem com que a medicina seja menos respeitada devido a (...) [tais] abusos”.<sup>8</sup> Consultando a “História Natural”, porém, constata-se que Joubert cita Plínio fora de contexto: no trecho em questão, o polígrafo está se referindo a gregos exercendo medicina na Roma antiga. E estes, no entender de Plínio, “conspiram em conjunto para assassinar todos os estrangeiros com sua física.”<sup>9</sup>

O capítulo que melhor ilustra o desígnio das *Erreurs populaires* intitula-se “Que aqueles que sabem um pouco sobre medicina são piores para os doentes do que os que nada sabem”. De saída, Joubert pondera: os indivíduos supondo “saberem alguma coisa”, por “ignorância,” acabam sendo “excessivamente confiantes”. Ou seja, são tomados de um “orgulho perigoso!” E isto – explica Joubert – “é a ruína da maioria dos médicos. Muito melhor seria, por Deus, nada saber do que saber como tratar [pessoas enfermas] como um empírico.”<sup>10</sup>

---

philosopher”, in *Selected Works*, tradução, introdução e notas de P.N. Singer (Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1977), 30-34.

<sup>7</sup> Joubert, *Popular Errors*, 34-35.

<sup>8</sup> *Ibid.*, 37-38. Diferentemente do informado por G.D. de Rocher na nota 12, em 285, Joubert cita uma passagem constando no Livro XXIX, Capítulo 8, em Plínio, *Natural History: Vol. VIII, Books XXVIII-XXXII*, tradução de W.H.S. Jones (Cambridge (E.U.A.)/Londres: Cambridge University Press/William Heinemann, 1989), 194-195.

<sup>9</sup> Plínio, 192-193.

<sup>10</sup> Joubert, *Popular Errors*, 86-88; as citações provêm de 86-87.

De acordo com nosso autor, como medida preventiva contra as possíveis fraudes de “um boticário arrogante, atrevido [e] artiloso”, em cidades da península itálica e talvez “na Espanha também [.] (...) o boticário não [costuma] visita[r] o paciente, exceto por cortesia ou amizade”. Adicionalmente, “o médico não escreve abaixo de suas prescrições para que serve o remédio”. Graças a este expediente, “o boticário sabe tão pouco sobre a intenção do médico, como se nada soubesse” e, assim, “não pode abusar das prescrições do médico”.<sup>11</sup>

Joubert reputa que, depois dos maus “boticários, (...) as pessoas mais perigosas são os acompanhantes ou os serventes de pacientes”. Estes não raro “supõem que sabem mais do que o médico (especialmente se estão há muito tempo no serviço) a respeito de comida,” embora a alimentação seja de suma importância no que tange ao “tipo, ao horário, e à quantidade.” Mesmo assim, sobretudo no que diz respeito “às horas e à quantidade, (...) [esses serventes] fazem como bem entendem.” De mais a mais, lançam mão de “adulterantes (...) às ocultas” e omitem ordens médicas. Por tratarem “os pacientes (...) negligentemente”, tais empíricos são muito “perigosos”. Em suma, conclui Joubert: “Muito melhor seria ter-se pessoas que não sabem absolutamente nada e cujo único talento é obedecer.”<sup>12</sup>

Após comentar tópicos como “Se é possível para uma mulher envenenar um homem no ato venéreo” ou “Se existe algum conhecimento de que a criança seja menino ou menina, e de que seja uma, ou duas (...)”, Joubert – referindo-se às parteiras – desabafa: “A arrogância e a presunção de algumas mulheres é tamanha, que elas supõem compreenderem mais sobre as condições próprias de uma mulher (como sufocação no útero, aborto e parto) do que o mais competente médico no mundo.” Justificando sua irritação, nosso autor pondera ser “razoável (...) que as parteiras apliquem a experiência e as habilidades que adquiriram com a prática”; mas elas estão “redondamente enganadas” se supõem “que o médico não sabe todas essas coisas ainda melhor”. Segundo Joubert, os médicos deixam “para elas este ramo da cirurgia envolvendo o parto porque é mais decente que este cuidado seja administrado de mulher para mulher”, assim como “todo o resto” seja deixado “para os professores de cirurgia, para nosso próprio alívio”. Entretanto, em vista da freqüente mortalidade em partos e abortos, não seria “necessário que o médico fosse um superintendente no assunto?”<sup>13</sup>

Cumprе mencionar de relance que a vertente inaugurada por Joubert fez escola, notadamente nos séculos XVII e XVIII – apesar de, segundo Davis, “a circulação de livros sobre erros populares parece[r] ter se limitado aos médicos, aos cirurgiões (...) [eruditos] e ao público letrado como um todo.” Essa voga começou com o próprio Joubert, cuja *Seconde Partie des Erreurs populaires et propos vulgaires, touchant la Medicine et le regime de la santé* foi publicada em 1579.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Ibid., 87.

<sup>12</sup> Ibid., 87-88.

<sup>13</sup> Ibid., 125, 152 e 172.

<sup>14</sup> Davis, 211.

Como este título informa, nosso autor também se interessava por provérbios populares versando sobre medicina e saúde. A propósito, no prefácio “Ao leitor de vistas largas e zeloso” abrindo a primeira parte das *Erreurs populaires*, Joubert convida simpatizantes a lhe “enviar (...) ditos similares” àqueles que ele recolhera “há muito tempo, de diversas pessoas, em vários países” – e que agora trazia em seu livro. De acordo com Joubert, “dentre esses ditos populares que procuro e reúno, alguns (...) são totalmente falsos e errados”, enquanto “outros” têm sua “causa (...) desconhecida pelo povo”. A despeito desta diferença, todos “estão (...) reunidos sob o nome de *Erros*.”<sup>15</sup>

Talvez devido à sua morte inesperada, Joubert não levou a cabo seu alentado projeto de, em seis partes, corrigir ou explicar erros e ditos populares (em imitação aos precedentes medievais das *Erreurs populaires*, arranjos tematicamente, da concepção à morte). Entre outros sucessores imediatos de Joubert que, consoante Davis, “permaneceram na área da medicina e da saúde”, vale mencionar o médico James Primrose, ou Primerose (c. 1598-1659) – consoante Davis, também radicado em Montpellier. Diferentemente de Joubert, cujas *Erreurs populaires* foram postumamente traduzidos para o latim, Primrose, “parcialmente baseado em sua experiência médica”, publicou em 1639, e novamente em 1658, *De vulgi erroribus in Medicina Libri IV*. A primeira edição desse título foi vertida para o inglês em 1651, e a segunda, para o francês em 1689, desta feita com adições do médico e tradutor Jean de Rostagny (fl. c. 1686).<sup>16</sup>

Dentre aqueles que, no dizer de Davis, “ampliaram a pesquisa para a área da filosofia natural”, destaca-se Thomas Browne (1605-1682), o qual, antes de se titular médico em Leide em 1633, passou um período indeterminado em Montpellier e em Pádua. Entre 1646 e 1672, Browne lançou seis edições, progressivamente revistas e ampliadas, de suas *Pseudodoxia Epidemica, or Enquiries into very many received Tenets, and commonly presumed Truths, which examined prove but vulgar and common errors*.<sup>17</sup>

No meio do prefácio “Ao leitor” de suas *Pseudodoxia Epidemica*, Browne deixa claro que seu levantamento de falsos juízos foi inspirado não só em Joubert, como também em outros três autores. São eles: o supracitado James Primrose; um desconhecido de nome Andreas, talvez antigo; e o ex-dominicano Girolamo ou Scipione Mercurio (?-1615), cujos *De gli errori popolari d'Italia, Libri sette* saíram do prelo pela primeira vez em 1603. Porém, como fica evidente desde os primeiros capítulos das *Pseudodoxia Epidemica*, estas foram igualmente influenciadas por Francis Bacon (1561-1626), cuja

---

<sup>15</sup> Joubert, *Popular Errors*, 24-25; os “erros” e ditos populares inicialmente reunidos por Joubert encontram-se em 16-19. Esse levantamento cresceu sobremaneira, como pode-se verificar em Joubert, *The Second Part of the Popular Errors*, tradução e anotação de G.D. de Rocher (Tuscaloosa/Londres: The University of Alabama Press, 1995), 127-168.

<sup>16</sup> Davis, 213 e nota 79, em 291. Em 213-124, Davis menciona o nome de Luc d'Iharce, cujas *Erreurs Populaires sur la Médecine* datam de 1783. No “Apêndice A” em Joubert, *Popular Errors*, 245-268, consta o projeto original de Joubert de examinar erros e ditos populares em seis partes, incluindo suas respectivas divisões em livros e capítulos. Em xix-xxi, tem-se uma lista das primeiras edições e traduções das *Erreurs populaires*. Por seu lado, Bell, trata várias vezes da recepção das *Erreurs populaires* na península itálica.

<sup>17</sup> Davis, 213.

filosofia experimental – como lembra Jeremiah Finch – incluía “a refutação de falsidades populares e a investigação de ‘dúvidas’.”<sup>18</sup>

No entender de Davis, ainda que claramente antecipadas por “escritos teológicos contra (...) erros religiosos, as *Erreurs populaires* não tinham antecedentes medievais na área da medicina.” Por outro lado, a área médica estava “amplamente suprida com regimes de saúde, remédios contra as pestes e livros de segredos médicos em latim e em vernáculo”, mais tarde “impressos com títulos como *Le régime de santé, O tesouro do pobre* e *Segredos de mulher*, atribuídos a[o teólogo e santo germânico] Albertus Magnus [c. 1200-1280].” Gradualmente, novos trabalhos em vernáculo surgiram, “numa linha similar, alguns de autoria de médicos, outros não.” Um dos títulos mais reimpressos foi “*Os segredos de Alexis de Piedmont* (...), contendo remédios e receitas que o idoso ‘dom Alexis’ aprendera tanto com os nobres e educados quanto com as ‘mulheres pobres, os artesãos e os camponeses’.”<sup>19</sup>

Dessa vasta literatura provinha uma parcela considerável de “erros populares” sobre medicina e saúde. Mas, nas palavras de Davis, a “parte principal” estava dispersa “na sociedade, particularmente nos provérbios e [nas] práticas médicas dos camponeses e do *menu peuple*” – ou, em bom português, “zé-povinho”. Davis estima que o “pior provérbio de todos [para profissionais como Joubert] era: ‘Cada homem é seu próprio médico’.”<sup>20</sup>

Um precedente próximo das *Erreurs populaires* oportunamente lembrado por Davis é o zelo dos médicos humanistas de expurgar dos textos clássicos incorreções medievais, a saber: barbarismos latinos e árabes, bem como acréscimos dando voz a conhecimentos do vulgo. Entretanto, segundo Andrew Wear, o “programa humanístico de restaurar o conhecimento antigo (...) e (...) a pureza lingüística às vezes teve que ceder às necessidades” dos novos tempos. Um bom exemplo é – nas palavras de Wear – a aceitação de “remédios locais bem conhecidos e testados”, em lugar de matéria médica “de locais exóticos e distantes.” Tal contingência acabou gerando um novo “gênero de escritos médicos renascentistas”. Denominada *practica*, esta modalidade não raro combinava teoria erudita e conhecimento empírico.<sup>21</sup>

<sup>18</sup> Browne, *Pseudodoxia Epidemica*, in *The Works of Thomas Browne*, edição de Simon Wilkin (Londres: Henry G. Bohn, 1852, 3 vols.), Vol. I, 1-6. No mesmo volume, em lxxvi-lxxxii, no final de seu “Prefácio do editor às *Pseudodoxia Epidemica*”, Wilkin lista oito títulos afins, dos séculos XVII e XVIII. Destes, apenas três, incluindo o *Traité des superstitions*, datado de 1679 e escrito pelo *curé* Jean-Baptiste Thiers, estão arrolados em Davis, 188. Os *De gli errori popolari d'Italia* de Mercurio são mencionados diversas vezes por Bell. Ainda, vide J.S. Finch, *Sir Thomas Browne: A Doctor's Life of Science and Faith* (Nova Iorque: Henry Schuman, 1950), 57-65 e 153.

<sup>19</sup> Davis, 211 e notas 69 e 70, em 290.

<sup>20</sup> *Ibid.*, 211 e nota 71, em 290.

<sup>21</sup> *Ibid.*, 211-212; e A. Wear, “Explorations in renaissance writings on the practice of medicine”, in *The Medical Renaissance of the Sixteenth Century*, ed. A. Wear, R.K. French & I.M. Lonie (Cambridge/etc.: Cambridge University Press, 1985), 122-123 e 118, pela ordem das citações. Davis, 211-212, estima que, afora a idéia de expurgar erros nos textos clássicos, também contribuiu para o advento das *Erreurs populaires* de Joubert o temor dos médicos da “competição, nas cidades, com uma elite, cada vez mais letrada e educada, de cirurgiões, sem falar dos boticários e até das presunçosas parteiras.” Além deste fator, agravado com o surgimento de Paracelso (1493-1541) e seus seguidores, a imprensa “complicara a relação do médico com o público”, ao disponibilizar toda sorte de “livros médicos em vernáculos, destinados a pessoas sem treino”.

Provavelmente se inserem na *practica* os *Coloquios dos Simples, e Drogas he cousas medicinais da India...*, de Garcia d’Orta (1500-1568), que viveu mais de 30 anos em Goa. Graças a seu conhecimento de primeira mão, Orta pode fugir do conhecimento livresco de seus pares europeus, que repetiam *ad nauseam* antigas receitas medicamentosas. Em outras palavras, os *Coloquios* de Orta, originalmente publicados em 1563 – ou seja, 15 anos antes das *Erreurs populaires* de Joubert – diferentemente destas, visavam corrigir “erros eruditos” conservados pela tradição compiladora. Patentia essa intenção o fato de os principais interlocutores nos *Coloquios* serem, afora o próprio autor, um certo Doctor Ruano, “muito conhecido auctor em Salamanca e em Alcalá, o qual vem á India (...) por saber das mézinhas (...) e de todoslos outros simples que nella ha”. Portanto, à semelhança de Orta, o Doutor Ruano quer aprender *in situ* as drogas nativas das Índias Orientais.<sup>22</sup>

Outro precedente imediato das *Erreurs populaires* de Joubert é o opúsculo de Eucharius Rösslin, o Velho (?-1526), *Der Swangern frawen und he bammen rosengarten* – em português, “O Jardim de rosas para mulheres grávidas e parteiras”. Segundo Wendy Arons, na qualidade de médico da cidade de Frankfurt, cabia a Rösslin, entre outras funções, presidir os exames e as licenças das parteiras. Provavelmente por isso, o *Rosengarten* “foi o primeiro manual em idioma vernáculo a focalizar exclusivamente a gravidez, o parto e as tarefas da parteira.”<sup>23</sup>

Originalmente vindo à luz em 1513 – ou seja, 65 anos antes das *Erreurs populaires* de Joubert – o *Rosengarten* foi reimpresso 14 vezes até 1541. Em 1562, ele ganhou uma versão expandida. Intitulada *Hebammenbüchlein* – *i.e.*, “Livreto de Parteiras” – a nova versão foi reimpressa dez vezes até 1608, só em solo teutônico. Nesse meio-tempo, em 1532, Eucharius Rösslin, o Jovem (?-1547), vertera a edição príncipe do “Jardim de Rosas” de seu pai para o latim, sob o título *De partu hominis*. Esta tradução ensejou diversas versões vernáculas, sendo que a francesa, originalmente surgida em 1536, precedeu em quatro anos a primeira tradução inglesa. Ademais, por ter sido amplamente “disseminado pela Europa,” o *Rosengarten* permaneceu em voga até “boa parte do século XVII.”<sup>24</sup>

Analisando o conteúdo do “Jardim de Rosas”, Arons julga aberto à discussão se o *Rosengarten* efetivamente espelha “a prática de parteiras” quinhentistas. Isto porque, malgrado Rösslin, o Velho, sustentar no prólogo de seu manual estar “de acordo com (...) eruditos” como “Galeno/Rhazes (865-c. 932)/ Avicena (980-1037)/

---

<sup>22</sup> G. da Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia* (reprodução em fac-símile da edição de 1891, dirigida e anotada pelo Conde de Ficalho, [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, 2 vols.), Vol. I, 19. Está se propondo aqui uma visão mais amadurecida em comparação com a sugerida por V.C. Machline, “Documentary evidences of a sixteenth-century debate about precious gems and medicaments”, in *Las Ciencias Químicas y Biológicas a la luz de sus fuentes históricas*, ed. P. Aceves Pastrana, A. Olea Franco & A.D. Morales Cosme (México, D. F.: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco, 2004), 53-63, sobretudo, 57.

<sup>23</sup> W. Arons, “Translator’s Introduction”, in E. Rösslin, *When Midwifery Became the Male Physician’s Province: The Sixteenth Century Handbook The Rose Garden for Pregnant Women and Midwives, Newly Englished*, tradução de W. Arons (Jefferson/Londres: McFarland, 1994), 1-25, em particular, 1-3.

<sup>24</sup> *Ibid.*, 2-3, bem como nota 4, em 22.



Averróis (1126-1198) e outros que não são necessários nomear”, hoje se sabe que a fonte principal do “Jardim de Rosas” foi uma cópia da “tradução realizada por Muscio do século IX” da *Ginecologia* de Sorano de Éfeso (?-c. 129 d.C.). Aliás, parece ter sido deste manuscrito medieval que Rösslin emprestou as singelas ilustrações de bebês dentro do útero constando nos Capítulos II-IV de seu guia – distantes das “representações detalhadas” de, por exemplo, Leonardo da Vinci (1452-1519), obtidas mediante dissecações anatômicas.<sup>25</sup>

Em lugar de especular sobre o retrocesso técnico do *Rosengarten* ou o estado-da-arte da perícia das parteiras quinhentistas, importa aqui lembrar a “tensão profissional” – na expressão de Arons – entre essas mulheres e os médicos. Também evidente na primeira parte das *Erreurs populaires*, tal “tensão” levou Rösslin – não obstante seu “prestígio e poder” em Frankfurt – a blasonar no prefácio de seu manual um conhecimento erudito, em tese, superior à experiência empírica das parteiras de seu tempo. Em suma, tanto Rösslin quanto Joubert se valem de sua formação livresca – pretensamente de grande valia no ramo obstétrico – para invadirem o território das parteiras, o que foi consumado no século XIX. Por isso, parece haver uma considerável afinidade entre o *Rosengarten* de Rösslin e as *Erreurs populaires* de Joubert.<sup>26</sup>

Por último, cabem duas considerações. Para começar, como entrevisto aqui, a literatura médica impressa reserva interessantes modalidades “populares” e eruditas já no Quinhentos. Diante disso, cumpre perguntar se convém à História da Ciência emprestar da arte literária, sem considerações adicionais, a noção de “gênero” para classificar semelhante variedade.<sup>27</sup> Afinal de contas, segundo alerta o especialista Massaud Moisés, “o problema dos gêneros” é dos “mais complexos da nomenclatura literária”.<sup>28</sup>

### Vera Cecília Machline

História da Medicina; História da Fisiologia.

Presentemente, colaboradora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

e-mail: vcmach@pucsp.br

<sup>25</sup> Ibid., 4-5 e 17-18, bem como nota 12, em 23; ademais, Rösslin, “Prologue”, 38-39. Na verdade, assoma a uma “paráfrase” a versão de Muscio “(ou Mustio), sob outros aspectos um desconhecido autor latino de cerca de 500 a.C.”, conforme explicado prefácio abrindo *Sorano's Gynecology*, tradução e introdução de O. Temkin et al. (Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press/Softshell Books, 1991), xxiii-xlix, em especial, xlv.

<sup>26</sup> Arons, 4-5.

<sup>27</sup> Como Davis e Wear, G. Pomata também não justifica seu emprego do termo “gênero” no estudo “*Praxis Historialis: The Uses of Historia in Early Modern Medicine*”, in *Historia: Empiricism and Erudition in Early Modern Europe*, ed. G. Pomata & N.G. Siraisi (Cambridge (E.U.A.)/Londres: The MIT Press, 2005), 105-146.

<sup>28</sup> M. Moisés, verbete “gênero”, in *Dicionário de Termos Literários*, 2ª. ed. (São Paulo: Cultrix, 1978), 240-250.